

ANTOLOGIA PESSOAL

Flo
Menezes

COMPOSITOR

Atualmente em Colômbia, na Alemanha, onde atua como compositor convidado e professor visitante da universidade local, Flo Menezes é o grande nome atual da música eletroacústica brasileira, autor de livros como *Apostrophe de Schönberg* (Editora da Unesp) e de peças como *LabORatório*.

Que peça você mais ouve? Que peça ficou melhor com o tempo? *Querschnitt* de Schönberg ouço desde minha infância, por intermédio de meu pai, e não me canso jamais de ouvir. A cada vez, certifico-me da genialidade de Schönberg. Mas existem tantas outras: *A Flauta Mágica* de Mozart é um desses exemplos. *Visage* de Berio é outro! Toda obra de gênio melhora nossa vida a cada escuta; cada obra menor vai perdendo o interesse e se extingue no arsenal surdo das coisas insignificantes.

Dê exemplo de um bom compositor injustiçado.

Mozart, claro! É o maior de todos os tempos, morreu cedo e sequer pôde ter uma sepultura para podermos visitá-lo de vez em quando... Mas a morte de cada grande compositor torna toda a humanidade injustiçada.

Cite uma peça que frustrou suas melhores expectativas.

Tenho a sorte de esquecer das coisas ruins que ouvi... Com o passar do tempo, acabo me lembrando somente das coisas boas. Talvez seja um instinto de preservação da espécie "homo compositorum" ou algo parecido.

É um compositor surpreendente, ou seja, bom e pelo qual você não deve nada.

Salieri! Ultimamente reví por umas 10 vezes o DVD do maravilhoso filme *Amadeus* e existem trechos impressionantes de Salieri lá! Tenho ficado atento para ele.



MENEZES - O conformismo está sempre ausente da grande peça

Música para cinema é um gênero menor? Se a resposta for negativa cite uma obra maior do gênero. Se for positiva, diga por quê.

Toda música funcional é uma música menor! A função na música desvia a essência superior da música enquanto atividade sublime do saber; sua essência primordial e inaferrível pelas outras atividades do saber humano, da ciência à própria arte, consiste em aliar a mais alta abstração com o substrato mais genuíno das incontáveis emoções humanas. Corroja o clichê com a expressão, e instale-se como uma verdadeira "matemática dos afetos", como procurou defini-la há algum tempo. Mas, justamente por sua grandiosidade, a música acaba se prestando às funções utilitárias menos "ambiciosas" e acaba se tornando ingrediente indispensável de certas vitórias de grande significado, como no caso de um filme inesquecível ou até mesmo das músicas po-

pulares de consumo, que, malgrado suas amarras e sua tendência empobrecedora, podem por vezes contribuir à afirmação de certos valores sociais progressistas, etc. Um exemplo de funcionalidade "que funciona"? A música de Enzo Mancini para os filmes extraordinários de Sergio Leone! *Era Uma Vez no Velho Oeste* e *Era Uma Vez na América* são obras de gênio, das maiores que o cinema já fez, e a música de Mancini é estupefata em ambas as películas! Se tiradas de lá, não são grande coisa, mas se retiradas de lá, o cinema vira cego, surdo e mudo.

Cite:

Uma obra tida como chata, mas boa.

A obra hipercomplexa de Brian Ferneyhough, papa da nova complexidade. Ela não é tida como chata, ela é chata. Mas é superinteressante, provocadora.

A boa música deve se renovar a cada reencontro

Galeria

REPÚBLICA FEDERAL DO BRASIL



⇒ Pierre Boulez: interpretação definitiva.



⇒ Stockhausen: Gruppen, difícil mas indispensável.

Um compositor que você acha muito bom, mas nunca ouviu. Comigo acontece o contrário: compositores muito ruins que não ouvi. Bastaram alguns segundos para eu não gastar mais meu tempo com Philip Glass, por exemplo. Medíocre ao extremo.

Uma obra difícil, mas indispensável.

Gruppen de Stockhausen. Structures de Boulez. Muitas das obras seriam dos anos 50, imprescindíveis para quem deseja de fato mergulhar no universo da música nova.

De que ópera você mudaria o final? Por quê?

Luís de Alban Berg. Sua grandeza não atinge a insuperável magnanimidade de Wozzeck. O fato de ser inacabada minimiza as dificuldades dramáticas de Berg, mas como seria seu final e sobretudo seu início e não caso Berg

tivesse tido a chance de sobreviver à sua doença e de acabá-la de fato? Provavelmente teria revisado o curso dela como um todo e feito a obra "respirar mais".

Que compositores contrariam suas convicções estéticas, mas que ainda assim ouve?

Nenhum. Há muito para ouvir dentro as tantas diversidades que não contrariam minha intenção radical de escuta/vida. Viver é recortar. Pega-se uma tesoura e vai-se perfilando o contorno do denso tecido da vida a partir de opções que se somam. O espírito, quantico, dá saltos, e tende a contrariar o caráter inequívoco do corte. Mas não há acaso: cada trapalhão permite o mergulho apenas na posição da qual faz parte.

A música contemporânea é muito criticada. Que peça (s) estreada (s) nos últimos dez anos mereceria, para você, um lugar de destaque na história da música?

A Sonata para piano de Luciano Berio, escrita pouco antes de sua morte em 2003, revela uma maturidade impressionante. É construída com planos de profundidade sonora a partir da polarização de uma única nota. Não sabemos se essa insistência é um desejo de permanência de vida diante da proximidade e consciência da morte ou se já é própria sobrevivida, em outras esferas, da energia da própria vida post-mortem. É simplesmente estarrecedor, tal a genialidade de Berio!

De que compositor brasileiro, de qualquer tempo, você recomendaria a audição? Prefiro pensar na música sem fronteiras...

Que obras (brasileiras ou estrangeiras) sempre presentes nos cânones que não mereciam seu voto? E uma sempre ausente em que você votaria?

A História tem seus filtros rigorosos, mas o rigor há uma lei: sem tudo o que foi bom ficou, mas tudo o que ficou algum valor tem. De certo houve Mozart perdidos no passado, mas Salieri é bom por ter ficado.

Música sinfônica ou ópera?

Não há como se preferir a gama de possibilidades que um gênero oferece diante da gama de possibilidades de um outro gênero. São ramificações. Coexistem e constituem, juntas, o bosque da invenção. A única ressalva aí: os recursos eletrônicos ampliam consideravelmente as possibilidades dos instrumentos, e estes devem se aliar a aqueles para que sobrevivam já no futuro breve!

Verdi ou Wagner? Puccini!

Tchaikovsky ou Schoenberg? Schoenberg, claro. Mas também é claro: Tchaikovsky sem que precise ser contraposto a Schoenberg.

Cailles ou Tebaldi? Plácido Domingo ou Pavarotti? Glenn Gould ou Maurizio Pollini? Herbert Von Karajan ou Pierre Boulez?

Dentre esses, dois gênios absolutos: Glenn Gould, que não toca jamais piano; é o piano que o toca! E Boulez: bastou pôr a mão para tornar aquela sua interpretação definitiva!

Que virtude mais prezada na boa música?

Arrebatador a escuta logo de cara e armazenar consigo uma tal complexidade emotiva, expressiva e de linguagem que a torne inesgotável a cada reencontro.

E quais os defeitos que obrigatoriamente devem estar ausentes em uma grande peça? Previsibilidade, falta de inventividade, conformismo, simplicidade. ■